

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE BOTÂNICA**

**ESTUDO ETNOBOTÂNICO DE QUINTAIS NO BAIRRO
QUILOMBO, ZONA RURAL DO MUNICÍPIO DE TRÊS
COROAS, RIO GRANDE DO SUL, BRASIL.**

VANESSA MARTINA RITTER

Porto Alegre, dezembro de 2012

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE BOTÂNICA**

**ESTUDO ETNOBOTÂNICO DE QUINTAIS NO BAIRRO
QUILOMBO, ZONA RURAL DO MUNICÍPIO DE TRÊS
COROAS, RIO GRANDE DO SUL, BRASIL.**

VANESSA MARTINA RITTER

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial
para obtenção do título de Bacharel
em Ciências Biológicas - ênfase ambiental.

Orientadora: Profa. Dra. Mara Rejane Ritter

Porto Alegre, dezembro de 2012

O segredo é não correr atrás das borboletas...

É cuidar do jardim para que elas venham até você.

Mario Quintana

SUMÁRIO

RESUMO.....	5
INTRODUÇÃO.....	5
MATERIAIS E MÉTODOS.....	8
Área de estudo.....	8
Seleção de informantes.....	9
Coleta de dados.....	10
RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	10
Considerações finais.....	15
BIBLIOGRAFIA.....	15
ANEXOS.....	19

**ESTUDO ETNOBOTÂNICO DE QUINTAIS NO BAIRRO
QUILOMBO, ZONA RURAL DO MUNICÍPIO DE TRÊS COROAS, RIO
GRANDE DO SUL, BRASIL.**

Ritter, V. M.; Ritter, M. R.

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi realizar um levantamento etnobotânico acerca das espécies cultivadas nos quintais de um bairro rural de Três Coroas, associando seus usos, manejos e importância para o cotidiano da família. Foram visitados 13 quintais e 13 informantes foram entrevistados através de questionários semi-estruturados. Também foi utilizada a técnica da *turnê guiada*, com perguntas semi-abertas acerca das plantas presentes que tem importância para os entrevistados. Foram citadas 155 plantas, distribuídas em 58 famílias, classificadas quanto a categorias de usos, como alimentícias, medicinais, ornamentais ou protetoras. A família botânica mais citada foi Lamiaceae com 17 etnoespécies, seguida de Asteraceae com 13 espécies, entre medicinais e ornamentais.

PALAVRAS-CHAVE: Quintais, etnobotânica, plantas alimentícias, plantas medicinais.

INTRODUÇÃO

Segundo a Convenção da Diversidade Biológica, artigo 2º, a biodiversidade representa a variabilidade entre os seres vivos de todas as origens compreendendo, dentre outros, os ecossistemas terrestres, marinhos e outros ecossistemas aquáticos e os complexos ecológicos de que fazem parte; compreendendo ainda a diversidade intra-específica e interespecífica de ecossistemas (CDB, 1992). A biodiversidade também é produto de uma construção cultural e social, desde a domesticação de plantas e animais, até seus usos rituais e míticos.

Foi neste contexto que emergiram as discussões sobre a importância e o valor do conhecimento ecológico local para a conservação da biodiversidade (Schimink et al., 1992; Gadgil et al., 1993). Desde então, as ligações entre conservação, populações locais e desenvolvimento começaram a ser vistas como inseparáveis (Schimink et al., 1992; Orlove & Brush, 1996). Ainda assim, é difícil encontrar discussões sobre o papel da espécie humana não apenas como destruidora de diversidade, mas também como sua promotora (Balée, 1994).

A etnobiologia estuda a relação homem natureza e tem como um dos enfoques contemporâneos a possibilidade de gerar um modelo de ciência da conservação envolvendo o resgate, o estudo e a valorização do conhecimento ecológico local (Hazanaki, 2003). A etnobotânica, uma seção da etnobiologia, constitui-se na área de conhecimento que visa compreender as relações estabelecidas entre comunidades humanas e as plantas, nos diversos aspectos em que o componente vegetal perpassa a vida das populações (Carniello, 2007).

O termo etnobotânica, referindo se especificamente a esta relação ser humano e planta, foi cunhado há pouco mais de um século, sendo originalmente o estudo das plantas usadas por povos de cultura oral (Harshberger, 1896). A definição de etnobotânica, atualmente, corresponde ao estudo das inter-relações diretas entre humanos e plantas em sistemas dinâmicos (Alcorn, 1995; Albuquerque & Andrade, 2002; Hanazaki, 2004).

No Brasil, quintal é o termo utilizado para se referir ao terreno situado ao redor da casa, definido, na maioria das vezes, como a porção de terra próxima à residência, de acesso fácil e cômodo, na qual se cultivam ou se mantêm múltiplas espécies que fornecem parte das necessidades nutricionais da família como fonte de vitaminas, minerais e fibras, com hortaliças e frutas bem como outros produtos, como lenha e plantas medicinais (Brito & Coelho, 2000). Estes quintais possuem longa tradição em países tropicais, onde esses sistemas consistem, geralmente, em uma combinação de árvores, arbustos, trepadeiras, herbáceas, algumas vezes em associação com animais domésticos, crescendo adjacentes à residência (Nair, 1993). O quintal muitas vezes não tem seus limites definidos, se misturando com a roça e a mata.

Em uma abordagem ecológica e genética, os quintais podem representar um espaço de resistência às monoculturas (Amorozo, 2004), pois, ao contrário de cultivos monoespecíficos, mantêm alta diversidade inter e intraespecífica, resultantes de experimentação e seleção local, assim como de trocas e circulação de espécies levadas de um ambiente para outro (Williams, 1997). Além de

serem fonte de subsistência, segurança alimentar e recursos financeiros, são também um repositório e um lugar para experimentação de espécies incomuns e de variedades de plantas (Padoch & de Jong, 1991; Kumar & Nair, 2004).

Os quintais são uma das formas mais antigas de manejo da terra, fato esse que, por si só, indica sua sustentabilidade. Embora esse sistema de produção de múltiplas espécies tenha provido e sustentado milhões de pessoas, pouca atenção científica tem sido destinada ao assunto (Amaral & Neto, 2008).

Segundo Florentino et al. (2007), a pouca atenção dada à prática dos quintais é observada especialmente no Brasil; na Ásia, por exemplo, até a década de 1990, os quintais foram objeto de estudo em aproximadamente 40% das publicações sobre sistemas agroecológicos, sendo a maioria de cunho qualitativo, descrevendo o ambiente, sua composição florística e função.

Além da Ásia, destacam-se México, América Central e Oeste da África, com grande número de publicações sobre quintais (Kumar & Nair, 2004). No Brasil, a maioria dos trabalhos etnobotânicos em quintais é feita em comunidades indígenas, principalmente na Amazônia, e pouco se sabe sobre esses sistemas de cultivo em outros tipos de comunidade fora da região Amazônica (Winklerprins, 2002; Vogl et al., 2004). Há ainda alguns trabalhos que realizaram estudos sobre estrutura e florística de quintais, em comunidades rurais na Caatinga pernambucana (Albuquerque et al., 2002; Florentino et al. 2007).

Por sua vez, Oakley (2004) enfatiza a função dos quintais domésticos como reservatórios de biodiversidade em comunidades mundo afora. Em muitas culturas, as mulheres são as responsáveis pela manutenção desse sistema. Essa tarefa cotidiana garante o acesso das famílias a uma dieta saudável e adequada ao gosto e às tradições locais. O mesmo autor afirma, ainda, que as mulheres preservam a biodiversidade por meio de plantações com alta densidade de espécies subutilizadas, transformando seus quintais em

laboratório de experiências para a adaptação de variedades locais e não domesticadas.

Assim, torna-se extremamente necessária a realização de estudos etnobiológicos, além de estudos complementares mostrando a grande importância dos quintais e sistemas agroflorestais, como alternativas às monoculturas e por servir de fonte de sustentabilidade local e de recursos genéticos, além de oferecerem proteção ao solo. Neste contexto, a presente pesquisa foi realizada com o propósito de valorizar e registrar o conhecimento associado ao cultivo de plantas no âmbito doméstico, a composição florística e as relações estabelecidas pela população com as espécies vegetais presentes em quintais de uma comunidade em um município do Rio Grande do Sul.

MATERIAIS E MÉTODOS

Área de estudo:

O município de Três Coroas, situa-se no Vale do rio Paranhana, na encosta inferior nordeste do Planalto do Rio Grande do Sul, à 92 Km de Porto Alegre, junto à Rodovia RS-115. O município é delimitado por planícies, vales, montanhas ricas e férteis e tem uma área total de 166 Km² (PMTC, 2012).

Sua população é de cerca de 23.848 habitantes (IBGE, 2012). O calçado é a base da economia do município, sendo que as indústrias deste setor respondem por 90% de sua produção (PMTC, 2012).



Fig. 1: Mapa com a localização de Três Coroas.

Originalmente, os primeiros habitantes foram indígenas e os primeiros colonizadores do município foram os alemães que chegaram em meados do século XIX. Desde então, instalaram-se no município italianos e lusos, houveram migrações para a cidade e a região em resposta ao desenvolvimento industrial da região. Três Coroas se desenvolveu preservando as diferenças étnico-culturais e os recursos naturais que hoje lhe rendem a alcunha de Cidade Verde. Mas, antes disso, a cidade já foi reconhecida por vários nomes – Linha dos Últimos Alemães, Vale ou Colônia de Santa Maria de Cima e Santa Maria do Mundo Novo – e, com a criação do 4º Distrito de Taquara, em 1904, simplesmente Mundo Novo. Foi um imponente pinheiro de três copas, ou coroas, que deu origem ao título do município, instituído oficialmente em 12 de maio de 1959 (PMTTC, 2012).

O presente estudo foi realizado no bairro Quilombo, localizado no vale do quilombo. A origem do nome vem de um quilombo que existiu no vale, fundado por escravos negros que fugiram da cidade de Vacaria e ali se

instalaram no século XIX. O povoamento do bairro por imigrantes europeus se iniciou no ano de 1856. Na época, os moradores viviam exclusivamente da agricultura, sendo que as principais culturas eram feijão, trigo, milho e cevada. O produto mais cultivado foi o feijão, sendo produzidas em média 300 sacas por safra. O bairro se encontra situado ao norte do centro do município, a uma distância de 4 km na entrada do vale do mesmo nome. Rodeado por morros, o bairro com características rururbanas e muito tranquilo, situa-se à margem esquerda do arroio Angabeí (Moeller & Deecken, 2001).

Seleção dos informantes:

Os informantes foram selecionados através da indicação dos alunos de 1º a 4º série do ensino fundamental do PATI - Programa de Atendimento ao Turno Inverso - da Escola Municipal de Ensino Fundamental Dom Pedro II, que desenvolve atividades de Educação Ambiental no Centro de Estudos Ambientais de Três Coroas (CMEA). Os alunos foram os primeiros “informantes” e desencadearam o processo de chegar aos “informantes-chave”

No CMEA foram realizadas atividades de Educação Ambiental, onde os alunos indicaram informantes do seu círculo familiar e comunitário, que eles julgavam manter e cultivar um quintal. Posteriormente as pessoas citadas foram visitadas, sempre que possível com a presença do aluno que as indicaram, para que o mesmo pudesse participar da entrevista e perceber a diversidade presente neste espaço e a sua importância na vida da família. Estes informantes visitados indicaram outros moradores do bairro que possuíam um quintal interessante ao estudo. Foram adicionados novos informantes à pesquisa até que os informantes indicados se repetiam.

Todos os informantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 1). A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética/UFRGS, parecer 46076.

Coleta de dados:

A coleta dos dados etnobotânicos foi realizada de março a novembro de 2012, através de entrevistas semi-estruturadas com questões norteadoras do tipo abertas e fechadas (Viertler, 2002), acerca das plantas presentes nos quintais que tem importância para os entrevistados (anexo 2), aplicadas através de visitas domiciliares, priorizando amostras intencionais. Utilizou-se a técnica da turnê guiada (Albuquerque et al., 2008), que se trata de fazer uma turnê pelo quintal do informante para que este lhe mostre e cite as plantas, seus usos e saberes, esta turnê guiada foi realizada com todos os informantes. As plantas citadas foram coletadas e/ou fotografadas para posterior identificação. Utilizou-se também diário de campo, observação direta, gravação das entrevistas e registros fotográficos, todos previamente autorizados pelos informantes.

As etnoespécies que não puderam ser identificadas no local foram coletadas durante as entrevistas, herborizadas e processadas seguindo procedimento padrão em pesquisas etnobotânicas (Given & Harris, 1994; Alexiades, 1996). A identificação foi realizada no Departamento de Botânica da UFRGS, utilizando-se literatura especializada. O material coletado que estava em boas condições foi depositado no herbário ICN do Instituto de Biociências/UFRGS. O sistema de classificação utilizado foi o APG III (Stevens, 2012). As espécies foram classificadas de acordo com a origem e o hábito.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foram visitados 13 quintais e 13 informantes foram entrevistados.

Em relação à ocupação, alguns são aposentados e muitas vezes seguem trabalhando em casa, tanto com atelier de calçados como na agricultura e comercializam sua produção excedente. Outros são trabalhadores da indústria do calçado, trabalho este muitas vezes realizado em casa.

As residências geralmente são habitadas por pais e filhos, e estes, quando possível, constroem suas casas no mesmo terreno dos pais. Os filhos em idade escolar estudam e alguns com idade suficiente já trabalham fora. Uma das informantes relatou que por falta de disposição, dada sua idade avançada, quem cuidava do quintal era seu filho, que também trabalhava fora.

Entre estes quintais, somente um é de imóvel alugado, os outros todos são propriedade dos informantes, muitos moram ali a mais de trinta anos. Todos os entrevistados possuem alguma fonte de renda, ou oriunda da aposentadoria ou de trabalho nas fabricas de sapatos. Alguns poucos comercializam a parte excedente da produção de seu quintal, mas a maioria dá ou troca o que sobra.

As mulheres são geralmente quem mantêm o quintal, salvo quando, por motivo de saúde ou idade avançada não podem realizar tal tarefa, mas em geral, toda a família participa. Mesmo os que trabalham fora, usam suas folgas e finais de semana para ajudar no manejo do quintal. As entrevistas que ocorreram com a presença das crianças foram muito importantes, pois estas demonstraram interesse, envolvimento e conhecimento construído a partir de sua vivência.

Todos os entrevistados realizam o manejo do quintal com o auxílio de uma enxada. Alguns citaram o uso de outras ferramentas, evocando sua vivência na lida com a terra. Quando perguntado se lhes faltava alguma coisa no quintal, as respostas foram variadas e pouco significativas, a maioria achava que não faltava nada. No entanto alguns relataram que perderam plantas com a geada e sentiam falta destas, alguns gostariam de ter mais chás, outros mais espaço, para outros não lhes faltava nada.

Foram citadas um total de 153 espécies, distribuídas em 58 famílias. A família botânica mais citada foi Lamiaceae, com 17 etnoespécies, sendo usadas como tempero, medicinais e ornamentais, seguida de Asteraceae, com 13 etnoespécies, usadas como alimentícias, medicinais e ornamentais.

Segundo Lacerda (2008), nos quintais do Sertão do Ribeirão, em Florianópolis, foram encontradas 76 espécies de plantas, com um total de 138 variedades locais ou etnovariedades, distribuídas em 34 famílias botânicas em 11 quintais. Peroni et al. (2007) verificaram a presença de 94 espécies e 41 famílias botânicas em 102 quintais em três comunidades próximas ao Sertão do Ribeirão. Em outro estudo, efetuado na Caatinga, Florentino et al. (2007) apresentaram 84 espécies e 35 famílias em 25 quintais amostrados. Já Valadão et al. (2006), identificaram 92 espécies de plantas alimentícias pertencentes a 40 famílias botânicas em um estudo realizado em um assentamento rural no Estado de São Paulo. No presente trabalho o número de etnoespécies cultivadas nos quintais é consideravelmente maior que o encontrado por outros pesquisadores em outros locais do país. Outro aspecto que se destaca foi que as plantas cultivadas nestes quintais são em sua grande maioria exóticas, o que não foi encontrado pelos autores acima citados, provavelmente por estas já fazerem parte da cultura dos seus antepassados. No entanto, também foram incorporados elementos da flora nativa, o que é importante para manter a biodiversidade local.

A categoria de uso de plantas mais citada foi alimentícia, seguida de medicinal e ornamental (figura 1). As plantas utilizadas como protetoras foram citadas em um quintal, onde se faziam presentes perto da porta compondo um vaso de sete ervas. Entre as plantas citadas um resultado interessante foi o milho, cultivado nos quintais para fins alimentícios, se apresentado em três variedades crioulas, o colorido indígena, o branco doce e o cunha, todas sementes mantidas pelo mantenedor do quintal obtidas por troca ou herança familiar.

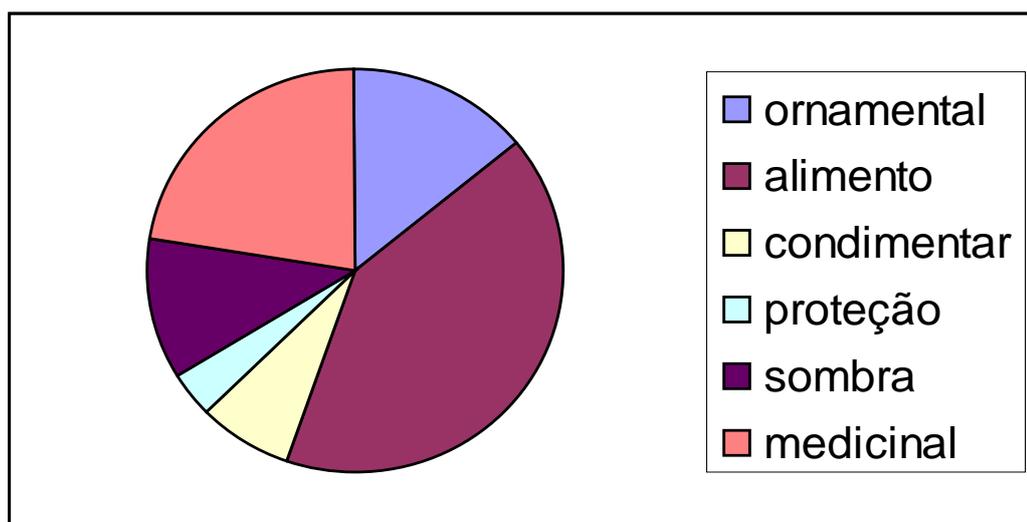


Figura 1: Categorias de usos das plantas cultivadas nos quintais no bairro Quilombo, Três Coroas, Rio Grande do Sul.

Algumas plantas apresentam múltiplos usos, como a pimenta vermelha (*Capsicum frutescens* L.), utilizada como medicinal, condimentar e protetora, a uva (*Vitis sp.*), utilizada como alimentícia, ornamental, e para sombra, o limão-bergamota (*Citrus limonia* Osbeck) tem potencial alimentício, medicinal e para sombra. Muitas plantas, principalmente as arbóreas, foram citadas como provedoras de sombra, algo considerado importante no contexto do quintal como local de convivência.

A planta mais citada foi a salsa (*Petroselinum crispum* (Mill.) Fuss), presente em 12 dos 13 quintais. Geralmente a espécie é “deixada para dar sementes” e acaba crescendo sempre naquele espaço, sendo de fácil manejo e de obtenção de sementes além do uso diário como tempero. Em seguida veio a laranja (*Citrus sinensis* L.), com suas variedades comum, do céu ou doce e de umbigo, a couve (*Brassica oleraceae var. acephala* DC.) e o pepino (*Cucumis sativus* L.), citados em 11 dos 13 quintais. A época das entrevistas foi importante para a configuração dos resultados, como por exemplo o pepino, citado em 11 quintais, está na época de plantio -primavera- se as entrevistas fossem

realizadas em outra época do ano os resultados poderiam ser diferentes principalmente em relação às plantas de horta.

Todos os entrevistados consideram o quintal importante, “se não achasse importante não teria feito”, alguns pelo lado econômico “é algo que tu não precisa comprar” outros pela importância de se estar comendo algo fresco, que se sabe de onde vêm, livre de produtos químicos e venenos “é importante, quer um tempero, uma folha, têm, eu sei de onde veio e sei que não tem produto químico” e ainda pela educação de seus filhos “onde começa tudo, a gente vai aprendendo, depois é uma extensão”, “é bom as crianças saberem que existe outra coisa, não é só mercado”.

Como o quintal é um espaço usado para o cultivo de plantas ano após ano em um espaço limitado, este passa por intenso manejo, utilizando princípios de agricultura permanente, com rotação de culturas, compostagem de resíduos orgânicos, onde acabam nascendo as sementes e propágulos ali colocados. Em alguns quintais criam-se animais como galinhas, patos e peixes, e algumas vezes o esterco das galinhas é usado como adubo. Naturalmente, a presença de gatos e cachorros é constante.

Pelo fato do quintal ser uma conexão com os ciclos naturais da natureza, eles estão sujeitos a estes. Em todos os quintais visitados foi citada a ocorrência da geada que foi muito forte esse ano, queimando e matando diversas plantas. Os mantenedores dos quintais estão em busca de recuperar as espécies perdidas.

Algumas pessoas mantêm seu quintal com a intenção de cultivar alimentos, afim de complementar a dieta da família. Quando sobram são vendidos, trocados ou dados “eu planto e dou para os outros, a gente não precisa muito”. Outros quintais possuem uma bela coleção de plantas medicinais e aromáticas, que mantêm associado com seus usos e saberes, como uma rede com a vizinhança trocando as plantas para não perder as variedades.

Em todos os quintais foi observado o valor ornamental do mesmo para os moradores, pois entre plantas medicinais, árvores frutíferas e outras plantas, ocorrem a cultura das flores e de folhagens: “parece que não é vida se não tenho minhas folhagens, meus temperos”. A valorização de plantas ornamentais é comum entre os descendentes de europeus, principalmente de alemães. Apesar do nome do bairro nos trazer a ideia de uma população negra predominante, isso não foi o observado, pois os negros se fazem presentes, miscigenados ou não com a população geral, mas sua presença não se trata da maioria.

A origem dos entrevistados implica na composição florística de seus quintais. Um dos entrevistados é oriundo do Rio de Janeiro, e em seu quintal foi encontrada uma grande variedade de plantas não citadas em outros quintais, como a graviola e o inhame, o que indica sua herança cultural diferenciada. Outra informante é oriunda de Itapiranga, Santa Catarina, e cultiva em seu quintal uma variedade considerável de Myrtáceas e outras plantas, medicinais e alimentícias não citadas em outros quintais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados apresentados neste trabalho demonstram que as plantas representam um papel importante no cotidiano dos moradores desta localidade. A cultura dos antepassados é preservada mas o uso de plantas nativas também foi incorporado no dia a dia, que é um fato importante para a manutenção da biodiversidade local.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Albuquerque, U.P.; Andrade, L.H.C. 2002. Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de caatinga no estado de Pernambuco. *Acta Botanica Brasilica*, 16(3): 273-285.

Albuquerque, U.P.; Lucena, R.F.P. de; Alencar, N.L. 2008. Métodos e técnicas para coleta de dados etnobotânicos. In: Albuquerque U.P.; Lucena, R.F.P. de; Cunha, L.V.F.C. da (orgs). *Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica*. 2ª ed. revisada, atualizada e ampliada. Recife: COMUNIGRAF; p.41-72.

Alcorn, J.B. 1995. The scope and aims of ethnobotany in a developing world. In: Schultes, R. E. & Reis, S. von (eds). *Ethnobotany: evolution of a discipline*. London: Chapman& Hall, p. 3-39.

Alexiades, N. 1996. *Selected guidelines for ethnobotanical research: a field manual*. New York Botanical Garden, New York.

Amaral, C.M.; Neto, G.G. 2008. Os quintais como espaços de conservação e cultivo de alimentos: um estudo na cidade de Rosário Oeste (Mato Grosso, Brasil). *Ciências Humanas*, 3(3): 329-341.

Amorozo, M.C.M. 2004. Pluralistic medical settings and medicinal plant use in rural communities, Mato Grosso, Brazil. *Journal of Ethnobiology*, 24:139-161.

Baleé, W. 1994. *Footprints in the forest*. Columbia University Press.

Brito, M.A.; Coelho, M.F. 2000. Os quintais agroflorestais em regiões tropicais - unidades auto-sustentáveis. *Agricultura Tropical*, 4(1): 7-35.

Carniello, M.A. 2007. *Estudo etnobotânico nas comunidades de Porto Limão, Porto Alambrado e Campo Alegre, na fronteira Brasil-Bolívia, Mato Grosso, Brasi*. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro.

CDB. *Convenção sobre Diversidade Biológica*. 1992. DBhttp://www.onu.org.br/rio20/img/2012/01/cdb_ptbr.pdf. Acesso em 05/03/2012.

Florentino, A.T.N.; Araújo, E.L.; Albuquerque, U.P. 2007. Contribuição de quintais agroflorestais na conservação de plantas da caatinga, Município de Caruaru, PE, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, 2(37-46).

Gadgil, M.; Berkes, F.; Folke, C. 1993. Indigenous knowledge for biodiversity conservation. *Ambio*, 22(2-3): 151-156.

Given, D.R.; Harris, W. 1994. *Techniques and methods of Ethnobotany*. The Commonwealth Secretariat Publications, London.

Hanazaki, N. 2003. Comunidades, conservação e manejo: o papel do conhecimento ecológico local. *Biotemas*, 16(1): 23-47.

Hanazaki, N. 2004. Etnobotânica. In: Begossi, A. (ed.) *Ecologia Humana de Pescadores da Mata Atlântica e da Amazônia*. São Paulo: FAPESP/HUCITEC, p.37-57.

Harshberger, J.W. 1896. Purposes of ethnobotany. *Botanical Gazette*. 21(3): 146-154.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2012. <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. Acesso em 10 de novembro de 2012.

Kumar, B.M.; Nair, P. 2004. Ramachandran. The enigma of tropical homegardens. *Agroforestry Systems*, 61(1-3): 135-152.

Lacerda, V.D. 2008. *Quintais do Sertão do Ribeirão, agrobiodiversidade sob um enfoque etnobotânico*, UFSC.

Moeller, C.E; Deecken, L.P. 2001. *Nossas raízes, Três Coroas*. Prefeitura Municipal de Três Coroas, Secretaria Municipal da Educação e Cultura. 1ª Edição.

- Nair, P. 1993. Ramachandran. Introduction to Agroforestry. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- Oakley, E. 2004. Quintais Domésticos: uma responsabilidade cultural. *Agriculturas*, 1(1): 37-39.
- Orlove, B.; Brush, S. 1996. Anthropology and the conservation of biodiversity. *Annual Review of Anthropology*, 25: 329-352.
- Padoch C.; de Jong W. 1991. The housegardens of Santa Rosa: diversity and variability in an Amazonian agricultural system. *Economic Botany*, 45: 166-175.
- Peroni, N.; Begossi, A.; Zuchiwschi, E.; Hanazaki, N. 2007. Homegardens in Santa Catarina Island, Brazil: conservation of agrobiodiversity in an urban-rural context. *Agroforestry systems*.
- Schimink, M.; Wood, C. 1992. *Contested Frontiers in Amazonia*. Columbia University Press. Columbia.
- Prefeitura Municipal de Três Coroas. <http://www.pmtcoroas.com.br/>. Acesso em 25 abril de 2012.
- Stevens, P.F., 2012. Angiosperm Phylogeny Website. Version 9, June 2008 [and more or less continuously updated since]. Disponível em: <http://www.mobot.org/MOBOT/research/APweb/>. Acessado em: 10 de novembro de 2012.
- Valadão, L.M.; Amorozo, M.C.M; Mottam D.G. 2006. Produção de Alimentos na Unidade Domiciliar, Dieta e Estado Nutricional: A Contribuição dos Quintais em um Assentamento Rural no Estado de São Paulo. In: Albuquerque, U.P.; Almeida, C.F.C.B.R. (orgs.). *Tópicos em conservação e etnobotânica de plantas alimentícias*. Recife: NUPEEA.
- Viertler, R.B. 2002. Métodos antropológicos como ferramenta para estudos em etnobiologia e etnoecologia. In: *Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia*,

etnoecologia e disciplinas correlatas. Amorozo, M.C.M., Ming, L.C., Silva, S.P. (eds), Divisa Gráfica Editora, Rio Claro, 11-30p.

Vogl, C.R.; Vogl-Lukasser, B.; Puri, R.K. 2004. Tools and methods for data collection in ethnobotanical studies of homegardens. *Field Methods*, 16:285-306.

Williams, J.T. 1997. *Identificação e proteção das origens de nossas plantas*. In: Wilson, E. O. Biodiversidade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p.303-12.

Winklerprins, A.M.G.A., 2002. Seasonal floodplain-upland migration along the lower Amazon river. *The Geographical Review*. 92: 415-431.

ANEXOS:

Anexo 1:

Termo de consentimento prévio e esclarecido.

Sou Vanessa Martina Ritter, estudante de Biologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, estou desenvolvendo um trabalho sobre o uso de plantas em quintais no município. O título do trabalho em desenvolvimento é: “ESTUDO ETNOBOTÂNICO NOS QUINTAIS DE COMUNIDADES RURAIS NO INTERIOR DO MUNICIPIO DE TRES COROAS, RIO GRANDE DO SUL”

A etnobotânica é uma área de pesquisa onde se estuda o conhecimento popular sobre os usos e manejos das plantas. Além de mim, as outras pessoas que participam do trabalho é a Professora Mara Rejane Ritter, departamento de Botânica da UFRGS

O objetivo deste trabalho é conhecer os usos e manejos associados às plantas. Algumas amostras de plantas poderão ser coletadas (folhas e frutos) e levadas para o laboratório, para serem identificadas. Mas para que este trabalho possa ser realizado e possamos conhecer as plantas, gostaríamos de pedir autorização para visitá-lo(a), conversar sobre os usos e para coletar algumas plantas em seu quintal ou roça, assim como tirar algumas fotos da plantas e de vocês. A qualquer hora o senhor ou a senhora pode parar nossa conversa ou desistir de participar do trabalho, sem trazer nenhum prejuízo. É importante destacar que não temos nenhum objetivo financeiro e que os resultados da pesquisa serão passados a vocês e á comunidade.

Caso tenha alguma dúvida basta me perguntar, ou nos telefonar. Nosso endereço é: Av./Rua Estrada Geral de Moreira, nº 1410 – Três Coroas – RS. Telefone (51) 84259750 Centro Municipal de Estudos Ambientais , e Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Biociências, Departamento de Botânica. Av Bento Gonçalves, 9500, Setor 4, prédio 43433 Bairro Agronomia, Porto Alegre, RS.

Entrevistado: Depois de saber sobre o que é a pesquisa, de como será feita, do direito que tenho de não participar ou desistir dela sem prejuízo para mim e de como os resultados serão usados, eu concordo em participar desta pesquisa.

Entrevistado

Entrevistador

ANEXO 2

Questionário

1. Apresentação.

1.1. Termo de consentimento prévio e esclarecido.

2. Turnê guiada

2.1. Qual o tamanho do quintal?

3. Sobre as Plantas:

3.1. Nome comum:

3.2. Indicação de uso:

3.3. Categoria: Medicinal alimentícia condimentar
 ornamental outra

4. Origem da Planta (destino):

5. Existe algum local preferencial para alguma cultura? Por quê?

6. Usa alguma ferramenta no manejo do quintal? Qual/ quais?

7. Cria algum animal?

8. O quintal é importante para a família?

9. A quanto tempo existe este quintal?

10. Falta alguma coisa no quintal?

11. Quantas pessoas vivem aqui?

12. Quem cuida deste espaço?

13. É aposentada(o)?

14. Alguém de casa trabalha fora?

Anexo 3:

Tabela 1: Espécies citadas nos quintais do Bairro Quilombo, Três Coroas, RS, Brasil. Usos: Ali: alimentícia; Com: condimentar; Med: medicinal; Orn: ornamental; pro: protetora; som: sombra. Alguns nomes comuns das plantas estão no dialeto alemão Hunsrik, comumente falado na região.

FAMILIA	ESPECIE / NOME COMUM	Nº DE CITAÇÕES	USOS
ALLIACEAE	<i>Allium cepa</i> L. / Cebola	5	con\ali
	<i>Allium sativum</i> L./ Alho	3	con\ali
	<i>Allium schoenoprasum</i> L./ Cebolinha, “Crinstria”	7	com
AMARANTACEAE	<i>Spinacea oleracea</i> L./ Espinafre	5	ali
	<i>Beta vulgaris</i> L. /Beterraba	4	ali
ANACARDIACEAE	<i>Mangifera indica</i> L./ Manga	1	ali
	<i>Spondias mombin</i> L./ Cajá	1	ali
	<i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi / Aroeira-vermelha	1	som
ANNONACEAE	<i>Annona squamosa</i> L. / Fruto-do-conde	2	ali
	<i>Annona muricata</i> L. / Graviola	1	ali
APIACEAE	<i>Petroselinum crispum</i> (Mill.) Fuss/ Salsa, Salsinha	12	con
	<i>Anethum graveolens</i> L./ Endro	1	con \ med
	<i>Foeniculum vulgare</i> Mill. / Funcho	1	con\ med
	<i>Daucus carota</i> L./ Cenoura	2	ali
ARACEAE	<i>Colocasia esculenta</i> L. / Inhame	1	ali
	<i>Dieffenbachia seguine</i> (Jacq.) Schott / Comigo-ninguem-pode	1	orn/pro
	<i>Spathiphyllum wallisii</i> Regel/ Lirio-da-paz	2	orn
	<i>Zantedeschia aethiopica</i> (L.)Spreng. / Copo-de-leite	1	orn
ARAUCARIACEAE	<i>Araucaria angustifolia</i> (Bertol.) Kuntze / Pinheiro	1	ali \ som
ARECACEAE	<i>Butia capitata</i> (Mart.) Becc./ Butiá	4	ali\orn
ASPARAGACEAE	<i>Sansevieria trifasciata</i> Prain/ Espada-de-são-Jorge	4	orn\pro(1)
ASPHODELACEAE	<i>Aloe arborescens</i> Mill. / Babosa	5	med
ASTERACEAE	<i>Achillea millefolium</i> L./ Milefolium	1	med
	<i>Artemisia absinthium</i> L./ Losna, “Pitrivermuth”	4	med
	<i>Artemisia alba</i> Turra / Cânfora, “Câmpfor”	1	med
	<i>Baccharis trimera</i> (Less.)DC./ Carqueja	1	med
	<i>Leucanthemum vulgare</i> Lam. / Margarida	2	orn
	<i>Chicoria endivia</i> L. / Chicoria, Radite	2	ali
	<i>Cynara cardunculus</i> L./ Alcachofra	2	med
	<i>Gerbera jamesonii</i> Adlam/ Gerbera	1	orn
	<i>Lactuca sativa</i> L./ Alface	7	ali
	<i>Helianthus annuus</i> L./ Girassol	2	orn
	<i>Chamomilla recutita</i> L. Rauschert/ Camomila	2	med
	<i>Mikania glomerata</i> Spreng./ Guaco	1	med

	<i>Taraxacum officinale</i> F.H. Wigg./ Dente-de-leão	1	med
BRASSICACEAE	<i>Nasturtium officinale</i> R. Br./ Agrião	1	ali
	<i>Brassica oleracea</i> var. <i>acephala</i> DC./ Couve	10	ali
	<i>Brassica oleracea</i> var. <i>botrytis</i> L./ Couve-flor	3	ali
	<i>Brassica oleracea</i> var. <i>italica</i> Plenck/ Brócolis	1	ali
	<i>Brassica oleracea</i> var. <i>capitata</i> L./ Repolho	7	ali
	<i>Brassica campestris</i> var. <i>chinensis</i> (L.)Prain/ Couve-chinesa	2	ali
	<i>Brassica rapa</i> L. / Nabo	1	ali
	<i>Coronopus didymus</i> (L.) Sm / Menstruz	3	med
	<i>Eruca sativa</i> Mill. / Rúcula	4	ali
BIXACEAE	<i>Bixa orellana</i> L./ Urucum	1	orn
BROMELIACEAE	<i>Ananas cosmosus</i> (L.)Merr./ Abacaxi	1	orn \ ali
CACTACEAE	<i>Opuntia</i> sp. /Tuna	1	orn \ ali
CARICACEAE	<i>Carica papaya</i> L. / Mamão	2	ali
CELASTRACEAE	<i>Maytenus muelleri</i> Schwacke / Cancorosa	1	med
CONVOLVULACEAE	<i>Ipomoea batatas</i> (L.)Lam. / Batata-doce	5	ali\med(1)
CRASSULACEAE	<i>Kalanchoe</i> sp. / Saião	1	med
CUCURBITACEAE	<i>Citrullus lanatus</i> (Thunb.) Matsum. & Nakai / Melancia	2	ali
	<i>Cucumis melo</i> L. / Melão, Melão-neve	2	ali
	<i>Cucumis sativus</i> L. / Pepino	11	ali
	<i>Cucurbita máxima</i> Duchesne / Moranga	3	ali
	<i>Cucurbita pepo</i> L. / Abobrinha	1	ali
	<i>Cucurbita</i> sp. / Abóbora	1	ali
	<i>Sechium edule</i> (Jacq.) Swartz / Chuchu	5	ali
CYCADACEAE	<i>Cycas revoluta</i> Thunb. / Cica	1	orn
EBENACEAE	<i>Diospyros kaki</i> L.f./ Caqui	9	ali
EQUISETACEAE	<i>Equisetum hyemale</i> L. / Cavalinha	2	med
EUPHORBIACEAE	<i>Manihot esculenta</i> Crantz / Aipim	6	ali
ERICACEAE	<i>Vaccinium corymbosum</i> L. / Mirtilo	1	ali
FABACEAE	<i>Arachis hypogaea</i> L. / Amendoim	1	ali
	<i>Inga marginata</i> Willd. / Ingá	1	som
	<i>Pisum sativum</i> L./ Ervilha	1	ali
	<i>Vicia faba</i> L. / Fava	1	ali
	<i>Vigna unguiculata</i> (L. Walp.) / Feijão-de-vagem	5	ali
IRIDACEAE	<i>Gladiolus hortulanus</i> L.H. Bailey/ Palma	1	orn
JUGLANDACEAE	<i>Carya illinoensis</i> (Wang.) K.Koch/ Noz-pecã	1	ali
LAMIACEAE	<i>Cunila microcephala</i> Benth. / Poejo	8	med
	<i>Lavandula angustifolia</i> Mill. / Lavanda	1	med
	<i>Melissa officinalis</i> L./ Melissa	6	med
	<i>Mentha x vilosa</i> Huds / Hortelã-branca	3	med
	<i>Mentha</i> sp. / Menta-de-folha -grande	2	med
	<i>Mentha</i> sp.1 / Menta-folha-escuro-pequena	6	med
	<i>Mentha</i> sp.2 / Vique	1	med
	<i>Ocimum selloi</i> Benth. / Anis-de-folha	2	med
	<i>Ocimum americanum</i> L. / Mangericão	4	com \ pro(1)
	<i>Origanum majorana</i> L./ Mangerona	7	com
	<i>Origanum vulgare</i> L. / Orégano	2	com
	<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews/ Boldo-folha-grande	1	med

	<i>Plectranthus ornatus</i> Codd. / Boldo-de-folha-pequena	3	med
	<i>Rosmarinus officinalis</i> L. / Alecrim, "Rosmaraine"	5	med\con\pro(1)
	<i>Salvia officinalis</i> L. / Sálvia	4	med(2)\con
	<i>Stachys lanata</i> Moench/ Pulmonária, "Lung-tee"	3	med\ali(1)
	<i>Thymus vulgaris</i> L. / Tomilho	1	com
LAURACEAE	<i>Persea americana</i> Mill. / Abacate	3	ali\som
	<i>Cinnamomum zeylanicum</i> L.(Blume)/ Canela	4	som
	<i>Laurus nobilis</i> L. / Louro	1	com\som
LYTHRACEAE	<i>Punica granatum</i> L. / Romã	3	ali\orn(1)
MALPIGHIACEAE	<i>Malpighia emarginata</i> DC. / Acerola	2	ali\orn(1)
MALVACEAE	<i>Malva sylvestris</i> L. / Malva	1	med
MELASTOMATACEAE	<i>Tibouchina</i> sp. / Vassoura-da-serra	1	orn
MORACEAE	<i>Artocarpus heterophyllus</i> Lam./ Jaca	1	ali
	<i>Ficus carica</i> L./ Figo	7	ali
	<i>Morus nigra</i> L. / Amora	1	ali
MUSACEAE	<i>Musa x paradisiaca</i> L. / Banana	5	ali\orn(1)
MYRTACEAE	<i>Campomanesia guazumifolia</i> (Cambess.) O. Berg / Sete-capotes	1	ali
	<i>Myrcianthes pungens</i> (O.Berg) D. Legrand / Guabiju	1	ali\som
	<i>Eugenia involucrata</i> DC. / Cereja-do-Rio-Grande-do-Sul	2	ali\som
	<i>Eugenia uniflora</i> L./ Pitanga	5	ali\som
	<i>Eugenia pyriformis</i> Cambess. / Uvaia	1	ali\som
	<i>Plinia glomerata</i> (O. Berg) Amshoff / Cabeludinha	1	ali\som
	<i>Plinia trunciflora</i> (O. Berg) Kausel / Jaboticaba	7	ali\som
	<i>Psidium cattleianum</i> Sabine / Araçá-vermelho	3	ali\som
	<i>Psidium guajava</i> L. / Goiaba	3	ali\som
	não identificada/orvalho	2	ali\som
NYCTAGINACEAE	<i>Bougainvillea spectabilis</i> Willd. / Três-marias	2	orn
ONAGRACEAE	<i>Fuchsia regia</i> (Vell.) Munz / Brinco-de-princesa	1	orn
OXALIDACEAE	<i>Averrhoa carambola</i> L. / Carambola	2	ali
PASSIFLORACEAE	<i>Passiflora edulis</i> Sims / Maracujá	2	ali
PHYLLANTHACEAE	<i>Phyllanthus tenellus</i> Roxb. / Quebra-pedra	1	med
PHYTOLACCACEAE	<i>Petiveria alliacea</i> L. / Guiné	2	med\pro(1)
PIPERACEAE	<i>Piper</i> sp. / Pariparoba	1	med
PLANTAGINACEAE	<i>Plantago</i> sp. / Tansagem, "Veshpray"	2	med
	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.)Stapf / Capim-cidreira, "Croos-tee"	7	med
	<i>Saccharum officinarum</i> L. / Cana-de-açúcar	2	ali
	<i>Zea mays</i> L. / Milho	6	ali
PORTULACACEAE	<i>Portulaca grandiflora</i> Hook. / Onze-horas	1	orn
PTERIDACEAE	<i>Adiantum raddianum</i> C. Presl/ Avenca	2	orn\med(1)
ROSACEAE	<i>Eriobotrya japonica</i> (Thunb.) Lindl. / Ameixa-amarela	4	ali\som
	<i>Fragaria vesca</i> L. / Morango, Moranguinho	8	ali
	<i>Malus domestica</i> Borkh. / Maçã	1	ali
	<i>Prunus persica</i> (L.) Batsch / Pêssego	7	ali\som
	<i>Prunus salicina</i> Lindl. / Ameixa-vermelha	4	ali\som
	<i>Pyrus communis</i> L./ Pêra	3	ali\som
	<i>Rosa</i> spp. / Rosa	3	orn
	<i>Rubus</i> sp. / Amora	2	ali

RUTACEAE	<i>Citrus deliciosa</i> L. / Bergamota	9	ali\som
	<i>Citrus reticulata</i> Blanco / Bergamota-pocan	1	ali\som
	<i>Citrus sinensis</i> L./ Laranja, Laranja-do-céu e Laranja-de-umbigo	11	ali\som
	<i>Citrus araundifolia</i> (Christm.) Swingle / Limão	5	ali\som
	<i>Citrus limonia</i> Osbeck / Limão-bergamota	2	ali\som\med(1)
	<i>Citrus limettioides</i> (Christm.) Swingle / Lima	1	ali\som
	<i>Ruta graveolens</i> L. / Arruda	3	med\pro(1)
SAXIFRAGACEAE	<i>Hydrangea macrophylla</i> (Thunb.) Ser./ Hortência	1	orn
SOLANACEAE	<i>Brunfelsia australis</i> Benth. / Primavera, Manacá	1	orn
	<i>Capsicum frutescens</i> L. / Pimenta-vermelha	1	med\con\pro(1)
	<i>Capsicum annuum</i> L. / Pimentão	1	ali
	<i>Lycopersicon esculenta</i> L. / Tomate	8	ali
	<i>Solanum melongena</i> L. / Berinjela	1	ali
	<i>Solanum paniculatum</i> L. / Jurubeba	1	med
	<i>Physalis pubescens</i> L. / Physalis, Tomatinho-de-capote, capotinho	3	ali
STERCULIACEAE	<i>Waltheria douradinha</i> A. St.-Hil. / Douradinha	1	med
THEACEAE	<i>Camellia japonica</i> L. / Camélia	1	orn
TROPAEOLACEAE	<i>Tropaeolum pentaphyllum</i> Lam. / Batata-crem	1	com\orn
VERBENACEAE	<i>Aloysia citrodora</i> Palau/ Cidreira, Cidrô	2	med
	<i>Aloysia gratissima</i> (Gillies & Hook.) Tronc. / Chá	1	med
	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br. / Sálvia-da-gripe	1	med
	<i>Stachytarpheta cayennensis</i> (Rich.) Vahl / Gervão	1	med
VITACEAE	<i>Vitis sp.</i> / Uva	7	ali\som\orn
ZINGIBERACEAE	<i>Hedychium coronarium</i> J. Koenig / Gengibre	1	con